

# Retrato falado

• Há dois políticos preparados para ser presidente da República: Fernando Henrique e Lula. Ambos conhecem o país, ambos têm uma visão própria das mudanças da sociedade, ambos já rodaram o mundo e têm experiência internacional. As visões são diferentes, por vezes antagônicas, mas são representativas de elites que pensam o futuro. Conhecer essas visões é essencial para as escolhas a serem feitas em outubro.

“A função dos partidos políticos é agregar idéias e valores”, disse Fernando Henrique a Roberto Pompeu de Toledo, em 20 horas de uma entrevista-maratona, publicada com o título de “O presidente segundo o sociólogo”. “Os partidos têm de se distinguir por sua concepção da sociedade. E, teoricamente, dividir-se em função desses valores”, prosseguiu. Como o seu campo político está organizado, com a unidade permitida pela dúbia definição de um governo de centro que olha para a esquerda, Fernando Henrique desfruta de uma liberdade de expressão que a Lula é negada pela desunião ideológica das forças que o apóiam.

Roberto Pompeu adverte que nem todas as perguntas foram feitas, mas as muitas indagações que colocou abordam pontos fundamentais da vida brasileira e elucidam intenções do atual Governo. É, ainda, um auto-retrato falado de um intelectual que, por ser presidente da República, dispõe de uma gigantesca massa de informações que consegue processar e transformar num discurso consistente. Discordar desse discurso é legítimo, muitas vezes razoável, indispensável até, para os seus opositores. O que não é possível é desconhecê-lo.

A entrevista se desenvolve segundo o esquema dos antigos documentos do Partido Comunista: primeiro a situação internacional, depois uma análise geral da sociedade e da política brasileiras, finalmente o exame de políticas específicas e algumas propostas para o futuro. Nos documentos do Partidão, o gênio coletivo do Comitê Central era sempre ressaltado e os trabalhos sempre concluíam por dar razão às suas decisões. No discurso do presidente acontece a mesma coisa: Fernando Henrique não tem dúvidas sobre a propriedade das opções que escolheu ao longo do mandato.

A leitura do livro é obrigatória para quem se interesse por política, nacional e internacional. É mais obrigatória ainda para quem pretenda levar o próprio voto a sério, escolhendo com conhecimento pleno de um dos candidatos. Seria desejável, aliás, que o outro, Lula, depois de pacificar os seus seguidores, fizesse o mesmo exercício e oferecesse ao eleitorado um auto-retrato semelhante. Mas a leitura é absolutamente indispensável para

os que terão de fazer opções práticas em virtude de resultados políticos.

O presidente afirma que, caso conquiste mais quatro anos, defenderá algumas reformas capazes de alterar profundamente a vida de importantes setores da sociedade.

A primeira diz mais de perto respeito às suas tribos: a reforma política. Quer estabelecer a fidelidade partidária, porque “partido que não controla o comportamento de seus membros não é partido. O partido é o elo da sociedade com o Estado”. Quer, ainda, mudar o sistema eleitoral, o tempo de campanha e a forma de eleger deputados. Acredita que o voto distrital misto, por reduzir o número de candidatos, permitiria o financiamento público dos gastos eleitorais. Permitiria, ainda, uma maior representação das grandes cidades, o que, em tese, favoreceria a esquerda. Segundo FH, “falta muito para se ter orgulho da democracia brasileira”.

Outra reforma urgente seria a do Judiciário, que, por estar paralisado pelo excesso de processos, não distribui justiça. A proposta que está no Congresso não foi mandada pelo Executivo, mas o presidente se dispõe a tocá-la.

A reforma tributária teria prioridade. Não andou porque não havia consenso entre a União, os estados e os municípios sobre a repartição das receitas. O presidente é favorável à implantação do Imposto de Valor Agregado, IVA, em substituição ao ICMS e ao IPI. O objetivo seria “começar a dar responsabilidade tributária à questão federativa”.

Quanto à reforma do Estado, pretende aprofundar a avaliação da burocracia, contratando as ONGs e especialistas para avaliar o seu trabalho. Meta: “O Estado tem de ser capaz de lidar com uma economia que mudou e que dele requer tarefas reguladoras muito fortes, para evitar que o mercado sufoque tudo. Por outro lado, o Estado tem de ser reconstruído para atender as camadas mais pobres.”

Finalmente, filho e neto de generais, Fernando Henrique analisa as Forças Armadas para dizer que “há a noção de defesa como segurança da sociedade e há muito o que fazer, não em termos de ataque do inimigo ou ao inimigo, mas em termos de preservar a segurança”. Segurança do ar, do mar e do território.